



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa* • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As escolas fecham As casernas aumentam

A república, que há uns bons dez anos se anunciava tam carinhosa para com os pequeninos, que tantas ternuras, quasi maternais, desejava introduzir no livro e na escola; a república protectora das crianças pobres, vai deixar morrer a Escola-Oficina n.º 1, que há 15 anos vem ministrando aos pequenos a instrução livre, o amor e a ternura, que a mesma prometedora república esqueceu lastimavelmente.

A Escola-Oficina n.º 1 vai fechar porque não tem dinheiro, porque os miseráveis seis contos anuais que o Estado lhe concede são insuficientes para manter, ante a carestia de tudo, um estabelecimento de ensino daquella natureza.

Era aquella escola o melhor que possuíamos no que respeita a ensino primário superior. Para conseguir esse lugar de destaque foi preciso que um punhado de homens dedicasse a referida obra de instrução todo o seu amor, todo o seu esforço, e uma grande vontade de acertar. A Escola-Oficina representa quinze anos de trabalho aturado, ignorado quasi, com todos os seus desgostos e dissabores. Pois esses quinze anos de trabalho vão ficar irremediavelmente perdidos, inutilizados, porque o Estado não pensou um só instante em conservar de pé esse estabelecimento de ensino, que representa, no meio da corrupção e da baixaza em que tudo isto está mergulhado, algo de bom, de honra, onde poderíamos reunir as nossas esperanças num futuro melhor.

Tudo quanto nos restava de puro e de aproveitável tem sobrado no meio da indiferença do Estado e da do próprio povo. O Estado, sobretudo, tem sobre os ombros responsabilidades tremendas. O Estado dorme ante todas as obras uteis. O Estado, que não fez o menor esforço para mandar explorar a mina de Santa Suzana; que tem deixado que o tempo derrua pelo país fora os nossos melhores monumentos históricos e artísticos; o Estado, que não pensou em aumentar o

número de bibliotecas, porque não tem verba, é o mesmo Estado que dispende rios de dinheiro na manutenção dum exército inútil; que sustenta uma guarda republicana cuja despesa atinge números inconcebíveis; que aumenta constantemente a legião de funcionários, entre os quais há um grande número, cujo trabalho consiste em receber os vencimentos.

Ainda há bem pouco tempo foram votados três mil contos para a manutenção da ordem pública! A ordem pública tem sido um pretexto admirável para desviar dinheiro que podiam ser aplicados a obras úteis. Pois esse Estado, tam prodigo para com aqueles que prejudicam o país, vai deixar morrer a Escola-Oficina n.º 1. Isto é espantoso!

Entrou Portugal numa guerra fratricida, sem que ninguém lho pedisse. Gastou-se loucamente, criaram-se dividas que já mais poderemos pagar. Tanto esforço, tanto dinheiro gasto numa obra de destruição e de morte! Os assuntos de instrução, que realmente representam alguma coisa de útil, são lamentavelmente esquecidos, votados ao desprézo.

A Escola-Oficina n.º 1 encontra-se numa situação especial. É uma escola que não pode acabar. A montagem duma escola em tais condições não é tarefa fácil; o seu material necessita de cuidados e atenções que as escolas vulgares não exigem; os seus professores tem de ser escolhidos; o seu aperfeiçoamento provém da experiência de todos os dias. Fechar aquella escola é perder todo este trabalho, é desagregar uma infinidade de esforços, muito difíceis de pôr de reunir.

É necessário que se evite imediatamente uma desgraça destas. A manutenção da Escola-Oficina n.º 1 não é tam dispendiosa como a dum batalhão da guarda republicana. Se o Estado não tem dinheiro, que dissolva um desses batalhões, que substitua a caserna pela escola. Porque a escola é muito melhor garantia de ordem do que um batalhão.

CONFERENCIAS

Questões morais e sociais na literatura

Na palestra realizada ontem na Universidade Popular Portuguesa, o sr. Camara Reis falou sobre *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, *O Sonho*, de Zola, e *A Catedral* de Huysmans, caracterizando cada uma dessas obras. Explicou o interesse que tem, para os artistas, as Catedrais, pela grandeza, pela beleza, pelo mistério, pela religiosidade, a tradição, o encanto do silêncio ou das harmonias da música sacra, a recordação das gerações que passaram e ajeitaram, na ansia do arrependimento e no desejo duma vida futura. Esses momentos, em que se espiritualizaram as almas rudes, que perpetuam as tradições mais nobres do povo, os seus folguedos e as suas rezas, os «mistérios», representados no adro ou nas próprias naveas. As Catedrais de estilo gótico tem uma mais solene e impressionante beleza; que as ramagens címeiras das florestas, perdem-se nas alturas as colunas esbeltas, num arrebatamento prodigioso para os céus. Muitas vezes vieram repousar, sob as lajes raras do pavimento, os artífices obscuros e os artistas devotos que desbastaram e esculpiram as suas pedras.

As estátuas, os florões, as rosáceas, as arcaria, os vitrais, as obras de talha, as pedrarias e gemas dos tesouros, as vestimentas sacerdotais, os tocheiros, os turbilhões, os retábulos, todo o sumptuoso recheio das basílicas e das igrejas mais humildes, representam um trabalho colectivo admirável, estendendo, em que mestres e artífices se uniam, um afectuoso e humilde esforço tocante, paciente, obscuro, de gerações e gerações, de mãos dedicadas e devotas — obra colossal, multiplicada infinitamente, e que, no dizer do cronista medieval, cobriu a terra de um alvamento de igrejas.

Com a divulgação da imprensa, o livro matou a catedral. Ceci tuca cela. A arquitectura religiosa decia. A catedral, obra colectiva em que os sentimentos religiosos se unia por vezes ao sarcasmo obscuro de figuras grotescas e impudentes — deixa de ser a colmeia rumorosa do povo, quasi fica deserta, e só vem acordar os ecos das suas abóbadas, artistas como o romântico Hugo, Zola num momento de cansaço naturalista e o devoto Huysmans, preparando-se para vestir um burel áspero de frade.

TRABALHADORES. Lede e propaga a BATALHA

Os desempregados

É de 700.000 o número de desempregados em França

PARIS, 10. — O problema dos desempregados está causando uma certa apreensão nesta cidade e noutros centros industriais da França.

Este problema é um problema novo para o país porque antes da guerra conseguiu sempre dar trabalho a toda a sua população. Ainda não houve perturbações da ordem mas o governo preocupava-se muito com a solução a dar a esta questão.

Nas fábricas de automóveis de Belleville há desasseis mil homens sem emprego. Em Saint Denis há agora vinte mil desempregados e em St. Etienne quarenta mil.

É facil haver distúrbios nesta localidade porque até há uma violenta corrente socialista. O conselho municipal de Paris já foi prevenido que os desempregados pretendem fazer manifestações.

O governo prometeu a cada desempregado dois francos e meio por dia pagos por as municipalidades, seriam posteriormente reembolsadas pelo governo.

Grande número de cidades recusou-se a pagar. Os sem empregos dos arredores de Paris recusam-se a abandonar a cidade e a ir para as regiões devastadas onde lhes é oferecido trabalho a trinta francos por dia.

Exigem ajuda do governo até conseguirem recuperar o trabalho em que antigamente se dedicavam. Na última semana o número dos desempregados era de setecentos e cinquenta mil em toda a França.

A carestia do carvão agrava o problema, fazendo com que muitas fábricas paralizem a sua laboração. — *Rádio.*

Em Inglaterra a legião aumenta

LONDRES, 10. — Continua a aumentar o número dos desempregados, apesar esforços do governo para debelar a crise. Os trabalhadores vão fazer uma conferência em Londres para determinar a política a seguir neste assunto. — *Rádio.*

Na Alemanha

No distrito do Ruhr renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Ruhr renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio.*

TANTO CUIDADO!... e afinal — sabemos tudo!

Sim, sabemos tudo quanto de mais secreto faz a Confederação Patronal, até mesmo o que os outros jornais ignoram

Disse *A Batalha*, no seu número de domingo, que ia ter início, nesse mesmo dia, nesta hospitaleira cidade de Lisboa, um congresso promovido pela Confederação Patronal, um organismo há tempos criado pelas... *forças vivas*.

O que, porém, *A Batalha* não disse — e poderia aliás tê-lo feito, se o houvesse julgado oportuno — é que havendo a respectiva comissão organizadora convidado a imprensa diária, por meio dum mellito, mas cauteloso officio, a indicar o nome dos redactores que iriam fazer a reportagem, para lhes serem passados os respectivos cartões — ele era tudo feito com tanto cuidado! — sistematicamente se absteve essa comissão de dirigir idêntico officio a *Batalha*, na persuasão de que assim ficariam inibidos de saber o que no congresso se ia passar...

Não foi de facto um representante desta proletária folha ao congresso das *forças vivas*, mas isso não obsteu a que soubessemos tudo quanto de interessante nele se verificou.

Sabemos mesmo muito mais do que seria possível chegar ao conhecimento dos representantes dos outros jornais, porque os enviados destes, até mesmo o do *Diário de Notícias*, que bem poderia por sob o seu título a rubrica de *Porta-voz das forças vivas*, não tiveram licença de assistir à sessão secreta, nem a tarde realizada, e nós, precisamente os elementos meliódicamente excluídos, graças às nossas habilidades, estamos ao facto não só do que se passou nas reuniões feitas ante os representantes dos jornais, mas também nas efectuadas a ocultas destes.

E foi-nos isso tam fácil!

O que nos disse um telepatista

Não procurámos madame Brouillard, que tudo adivinha, ao que dizem, mas cujas consultas são respectivamente caras. Também não recorremos à tradicional mesa de pé de gato, muito desacreditada já, nem a arrevesados processos de espiritismo, que poderiam pregar connosco no manicómio Bombardeira, a despeito dos homens das *forças vivas* nos darem feitos com o diabo. Optámos por um expediente mais cómodo, mais moderno e menos falível. Lançamo-nos nos braços dum telepatista consumado e, graças a ele e a um médium de grande poder, lográmos ser postos ao corrente do que ambicionávamos saber.

Assim, averiguámos, em primeiro lugar, que os srs. Sérgio Príncipe e Apolinário Pereira são as principais figuras marcantes das *forças vivas*, mas não querem que os seus nomes sejam dados à publicidade, não porque sejam criaturas modestas ou porque não se ufanem, nos conciliabulos da corporação, da sua obra — a Confederação Patronal — mas simplesmente porque tem receio de vir a ser alvo de... qualquer desconsideração por parte de algum exaltado, receio que certamente não alimentariam se tivessem a consciência plena de tranquilidade.

Soubemos a seguir que nos lugares reservados, na sala onde se effectou o congresso, aos jornalistas, estavam uns bilhetinhos em que vivamente se recomendava aos ditos jornalistas que não dessem para a imprensa os nomes dos oradores que usassem da palavra, aludindo apenas à sua qualidade. E logo o nosso telepatista acrescentou que era tal o empenho em que não fossem conhecidos os nomes dos representantes das *forças vivas* que quando algum destes pedia a palavra, declinando, como é de uso, o seu nome, intervinha muito afressorado o presidente — e o primeiro a fazê-lo foi o sr. Albert Macieira — que logo atalhava: «Não é preciso o nome, basta a qualidade».

Atenção ou cumplicidade?

Poz-nos depois o nosso admirável telepatista ao corrente dum caso muito interessante.

Como a autoridade superior do distrito tivesse mandado assistir à primeira sessão do congresso um agente boral, desses que geralmente aparecem nas assembleas operárias, os congressistas protestaram ruidosamente, exigindo um representante da autoridade de categoria mais elevada...

E o caso é que na sessão seguinte aparecia a substituir o modesto agente o tenente Graça, um dos commissários da policia civica, que foi distinguido com a honra de assistência à sessão secreta.

Significativo, não lhes parece?

A sessão secreta

Mais um esforço e o nosso surpreendente telepatista, eficazmente auxiliado pelo médium, também um excelente colaborador nesta estranha reportagem, contou-nos alguns episódios ocorridos na sessão secreta.

Devem ter notado os leitores, pela leitura das gasetas burguesas — e o pormenor foi-nos confirmado pelo telepatista — que a classe trabalhadora mereceu as saudações... cordiais dos das *forças vivas*, sobretudo na sessão primeira. Era aquilo para inglês ver, como é obvio, e a prova que não há lugar a ilusões está o facto de na sessão secreta as mesmíssimas classes trabalhadoras terem apanhado pancadaria em barda, tendo sido corajosamente acusadas, sobretudo pelo muneir Sérgio Príncipe, de se deixarem enfundar ao sindicalismo, ao bolxevismo, etc., etc.

Falou o sr. Sergio durante cerca de três horas. Encareceu-se a necessidade de fazer uma organização secreta, com somatenes à laia dos de Barcelona; criar uns arsenais por bairros, onde houvesse armas e munições que rapidamente pudessem ser utilizados pelos patrões, arsenais senão fornecidos, pelo menos auxiliados pelo Estado, devendo as armas ser dali levantadas, em occasião de perigo, pelos agremiados, que para esse efeito possuiriam cartões especiais e que, uma vez armados e equipados, se deslocariam ao lado da guarda republicana e da policia; comprar indivíduos que se imiscuissem nos organismos operários, especialmente dentro da C. G. T., a fim de informarem os da Confederação Patronal das resoluções secretas que aqueles organismos venham a tomar.

E depois de se explicar como é que as instituições operárias engenhosamente enviam, em carta, as suas instruções secretas à da provincia, foi resolvido promover que nos correios se arranjassem uma brigada de empregados a quem seria conferido o encargo de abrir de futuro essa correspondência, de cujo conteúdo seria dado conhecimento à Confederação Patronal, que assim ficaria inteirada de tudo.

E como todos estes trabalhos não se fazem sem dinheiro, fez-se desde logo um apelo aos conspiradores, apurando-se cerca de 70.000\$000!

Últimas e expressivas revelações

O nosso telepatista tinha feito um esforço sobrehumano. Compreendemos que não devíamos exigir mais, apesar de ser transparente o nosso desejo de conhecermos tudo na única sessão.

Ficou por fim assente que se realizasse hoje um outro encontro onde nos fosse dado conhecimento do que resta contar aos leitores, mas o extraordinário telepatista, cujos olhos continuaram vendados, concentrando mais e mais o pensamento, num arranco gigante, ante o pismo de todos os circunstantes, fez esta cousa incrível: reproduziu-nos, palavra por palavra, a doutrina de três circulares que a Confederação Patronal enviara aos representantes das *forças vivas*, circulares que não levaram assinatura — devido ao melindre da situação e gravidade do momento — motivo porque se não indicaram nomes.

Elas:

Primeira circular

CONFIDENCIAL

Ex.º Sr. e colega: — A assembleia magna das associações comerciais e industriais, realizada em Novembro de 1919, votou a fundação de uma colectividade central denominada Confederação Patronal, que não deve ser desconhecida para v. ex.º, porque decerto não esqueceu os serviços que ao comércio em especial e às restantes classes em geral, prestou na emergência dos annunciados assaltos de Março do ano p.º, evitando-os, na greve dos Correios, recebendo, expedindo e distribuindo milhares de cartas e postais e outros de relevancia apreciável que as circunstâncias forçavam a conservar recatados, mas que é necessário fortalecer e assegurar para que os seus efeitos não resultem perdidos. E eles só podem ser

robustecidos de forma eficiente, se v. ex.º e todos assim o quizerem.

E porque assim é necessário, e porque o vento da insânia se agita com fragor sobre os velhos pilares da sociedade constituida, fazendo rolar sobre eles o facho crepitante da discórdia, que sentimos aproximar pela onda de desvario que toda o espirito das classes, inoculando-lhes fermentos que as faz trevariar para um radicalismo ou extremismo, em que a ordem e a disciplina virão a perder a compostura que é a sua razão, por isso a unidade de esforços colectivos se impõe, para que o trabalho não desmereça do seu conceito a uniformidade e grandeza, e assim possamos evitar que o caos e a miséria com foros de lei, nos sejam impostos pelos mais audazes, — tornados fortes, pela insensibilidade de um criminoso comodismo.

Mas, não esqueçamos que se assim succeder, possibilidades rápidas de desaffronta então haverá; a sociedade de hoje desconjuntar-se há ao sópro devastadora da tirania e da revolta embrutecida, a justiça apparecerá de olhos desvendados a vender seus serviços, o instinto animal sobrepor-se há a educação e sensibilidade dos sentimentos honestos, a lei será o livre arbitrio das multidões inconvertidas, o lar tornar-se há alocou-e a ambição do mando subvertê-lo a Razão, para fazer sobressair uma nova alcatéia que será o simbolo da igualdade, vasado sobre as teorias e práticas bolxevistas. E então veremos um perpetuo clamor da justiça, o vadio e o presidiário transformado em homem de estado; o folclórico gritador de honestidade; o propagandista de cérebro vazio e moral duvidosa transformar-se em conselheiro do povo; a ignorância com foros de saber; a sciencia sem prestigio campeando de bastão; o ladrão e o assassino transformado em commissário do povo; o vicio escurecendo a honestidade; a luxúria alcapremando a modestia; a prostituição justificada pelo amor livre; a virtude sem culto, o caracter sem nobreza, a honra sem paladinos, o trabalho sem foros de cidade, e finalmente, o odio, o extermínio, o terror e a fome, espandendo milhares de victimas e destruindo os marcos miliares de tradições seculares, que são hoje a razão de ser de todos os povos. Eis o que nos oferece a truculenta e desbrísia gente, que de brancos o nome apenas tem, e que de bandeira desladrada nos gritam em todos os termos: bolxevismo! bolxevismo!

Recordar a v. ex.º o que tem sido a República dos Sovietes e as consequências que do seu desgovrno tem resultando, as atrocidades que tem sido praticadas em nome dum pretexto nobre que apesar de bem colorido não apaga nem esmorece as acções em que vicejam os costumes bárbaros da gentildade, nem tampouco obscurece os anseios libérricos dos homens-feras que a revolução fez voltar à bruta antiguidade e que por demais não dilue os martírios a que foram sujeitas as mulheres, depois de franqueadas em prostibulos públicos aonde se saciam os ébrios defensores de um regime igualitário na barba de seus costumes, supomos ser desnecessário, e até se o fizéssemos, pareceria talvez que em procura de alguma mercê a nossa intenção se estorcia, ou que vantagem ou desejo de particular interesse nos levava a fazer do quadro uma dolorosa epopeia, que coarctaria v. ex.º a uma resolução que tem de ser voluntária e tomada à conta exacta do cumprimento de um dever, que não admite dilatação.

Eis porque não dilátamos o quadro e apresentamos a lista inclusa, para que v. ex.º além da cooperação moral, que em tempo e oportunidade lhe será exigida, como letra vencida, se inscreva com a quantia máxima, que a sua situação material comportar, a fim de ajudar a cobrir as despesas das instalações e estabilidade da Confederação Patronal, que, como colectividade única, carece de instalações e de prestigio, que nos não envergonhem, jamais quando um movimento internacional de organização se avizinha, e nos impõe a obrigação e a gentileza de receber hóspedes illustres, quer pela nobreza dos seus nomes, quer pela grandeza dos seus feitos em prol do bem comum.

Lisboa, (data do correio).

Saúde e Fraternidade.

A comissão instaladora. (*)

(*) Pelo melindre da situação e pela gravidade do momento que atravessamos, não se indicam nomes, os quais ficam, porém, na sede, à disposição de v. ex.º podendo desde já assegurar-lhe que todos eles são da maior respectabilidade e idoneidade.

Segunda circular

Lisboa, 23 de Novembro de 1920. — Ex.º sr. presidente da Associação de... — Em additamento à n.º circular de 6 de Março do p.º, que acompanhou o envio do projecto do estatuto, vimos participar a v. ex.º que o Congresso Patronal que se devia ter realizado em Março se realiza nesta cidade em 19 e 20 de Dezembro, a fim de se occupar da aprovação do estatuto e de outros assuntos da mais alta transcendência para a organização, os quais pela sua importância não prescindem da presença de v. ex.º ou dos seus delegados.

Nesta conformidade e como o tempo urge, pedimos a v. ex.º nos envie no prazo mais curto uma nota contendo os nomes dos delegados que essa colectividade houver por bem nomear, a fim de podermos enviar os respectivos bilhetes de identidade, sem os quais não será concedida a redução de 50% e a permissão de entrada no congresso.

Outrosim pedimos a v. ex.º a extrema fineza, de na escolha dos reteridos delegados, empregar o melhor dos seus esforços, porque tendo o congresso de se occupar de assuntos importantes e graves em sessão secreta, convém, portanto, que as colectividades mandem delegados com poderes e boa vontade para acompanharem todos os seus trabalhos.

Aproveitamos também a oportunidade para participar a v. ex.º que a publica-

DEBATE DE OPINIÕES

A Revolução sem ditadura

Vinde a mim, técnicos burgueses!...

Contam C. Rates e mais partidários da ditadura, que, uma vez o acto revolucionário consumado, isto é, o Terreiro do Paço occupado pelos novos ditadores, os técnicos das classes burguesas corram, entusiasmados, a colaborar na Revolução ou que, pelo menos, constintam, de animo leve no «sacrificio»? Se assim é, trata-se duma illusão tam grande, tam desmarcada, que não se encontram palavras, argumentos para a combater. Uma illusão assim pressupõe uma dose tal de ingenuidade, de desconhecimento dos homens e das cousas, que se desiste de procurar fazer comprehender aos illudidos o engano pavoroso que cometem. E não se julgue que fantasia muito. Esse estado de espirito, candidamente optimista, que constitui um dos mais interessantes aspectos de psicologia revolucionária, existe; não sei se em C. Rates, mas existe e não em cabeças variadas, antes pelo contrario.

Mas por muitas illusões que os futuros ditadores alimentem, concordam certamente em que tem de se admitir a recusa dos técnicos ou da maioria deles; e então recorre-se necessariamente à pressão. Não se lembram os defensores da ditadura que o trabalho realizado nessas condições é um trabalho inferior, em quaisquer circunstâncias e sobretudo num momento de acção revolucionária, em que o principal factor de exito, superior à intelligencia e à competência, embora estas sejam indispensáveis, é a boa vontade, o entusiasmo pela obra revolucionária, o que só se dá quando se está de accordo com essa obra ou, pelo menos, com os seus fins, quando se comprehende e se sente o fim social da Revolução.

Há ainda um meio de captar senão a sympathia, a competência dos técnicos burgueses para a obra revolucionária: é interessá-los nessa obra pelo lado

mais accessível à sua mentalidade, o dos lucros. Foi o que os bolxevistas se viam obrigados a fazer, quando reconheceram que não tinham os técnicos indispensáveis porque nem aderiram espontaneamente nem a pressão conseguia que elles trabalhassem. Mas isso mesmo admitindo o que dá os resultados que se desejam, o que é muito discutível, é simplesmente fazer obra contrária à revolução; é continuar, agravando-a, a existência de classes privilegiadas, gozando de condições económicas especiais e portanto, gozando de todas as coisas na vida que se obtem com o dinheiro, isto é, quasi tudo. Nos decretos onde há mais alguma coisa do que a designação da reforma a fazer e a nomeação dos técnicos para a levar a cabo, nota-se o mesmo defeito que abunda nas reformas dos governantes da burguesia. São puras mudanças de nomes, de attribuições de serviços, ficando a estrutura, a engrenagem, fundamentalmente a mesma. Não há o que é preciso haver para se produzir uma transformação: não há, naquelles decretos, *espirito renovador*, o ideal social em nome do qual se elaboraram, não se faz sentir. O que se nota, o que parece ter havido, é a preocupação de se legislar como os outros legislam. É frio, burocrático, sem vida. Cheira demasiadamente a repartição pública, a director geral, a todo esse conjunto de coisas e pessoas que fazem da administração do Estado, do brutal peso morto, poeirento e sonolento que todos nós conhecemos e que há tanto tempo nos astifia e nos entorpece.

Emílio COSTA

AMANHÃ:

A prosperidade agrária

Artigo de Carlos RATES

ção official dos assuntos que interessam à confederação é feita pelo *Diário da Notícias*, devendo v. ex.º, a partir de 4 de Janeiro p.º, consultar este jornal, no qual encontrará diariamente todos os esclarecimentos relativos ao congresso.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1920. — A comissão delegada.

C. G. T.

Conselho Confederal

Amanhã, pelas 21 horas precisas, deverá reunir o Conselho Confederal. A esta reunião deverão assistir os delegados da Federação Marítima.

Federação dos Trabalhadores Rurais

Rúnião do Conselho Federal

A comissão administrativa da Federação dos Trabalhadores Rurais, reunida em sessão ordinaria em 5 de corrente, resolveu convocar o Conselho Federal para o dia 23, pedindo às associações que não enviassem as credenciais aos seus delegados indirectos que o façam o mais breve possível. Este conselho é composto de delegados indirectos, não se coartando a liberdade às associações que queiram enviar delegados directos.

Não deve esquecer que houve sindicatos que não responderam à circular n.º 15 da Federação, nem passaram credenciais aos seus delegados. A ordem dos trabalhos por emquanto cingir-se á discussão do novo projecto dos estatutos, tipo unico, para todas as associações dos rurais.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Tipógrafos das casas de obras

Reuniu ontem a comissão dirigente, occupando-se, entre outros assuntos, da convocação dos delegados das respectivas officinas que devem reunir na próxima semana. Para continuação dos trabalhos a realizar, reúne esta comissão na próxima quinta feira, 13, para o que se pede a comparencia de todos os membros.

Operários da Construção Civil de Guimarães

GUIMARÃES, 8. — C. — Realizou-se ontem uma importante reunião do Sindicato Unico da Construção Civil para apreciar as respostas das indústrias sobre a reclamação de aumento de salário. A reclamação é de 50% e os mestres offerecem apenas 25% de mais. A esta reunião assistiu o camarada Vitor Martins, delegado da Federação da Construção Civil, que falou durante mais de 1 hora, fazendo ver a necessidade dos operários se organizarem para a conquista integral da sua emancipação, sendo aplaudido.

Ficou marcada outra reunião para segunda-feira.

Juntas de Freguesia

Para tratar da questão do peixe e do Asilo Feliciano de Castinho, r. f. em hoje, pelas 20 horas, na câmara municipal, as Juntas de Freguesia desta cidade, e conselho do Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa.

BATALHA

Vende-se em Paris na rua d'Abbeville n.º 18

